

A (RE) TERRITORIALIZAÇÃO CAPITALISTA INTERNACIONAL: OCUPAÇÃO E COMÉRCIO NA REGIÃO FRONTEIRIÇA DO LESTE PARAGUAIO

THE (RE) TERRITORIALIZATION CAPITALIST INTERNATIONAL: OCCUPATION AND TRADE IN BORDER REGION OF EAST PARAGUAYAN

Lindomar Baller¹
Leandro Baller²

RESUMO: A conjuntura se entrelaça nas formas de ocupação do território paraguaio por brasileiros, na comercialização de mercadorias e na compra e uso das terras para produção agrícola. Os elementos incentivadores dos fluxos transfronteiriços são a comercialização de mercadorias e a terra. Nesta circulação, ignoraram-se as Leis internas daquele país e até subornam-se as autoridades competentes responsáveis pelo controle e legalidade prevista pelo Estado; fazendo da região leste do Paraguai uma “terra” de brasileiros. Esta região concentra a maior parte dos conflitos pela terra, os quais se tornaram contínuos e preocupantes. Esta luta envolve principalmente os grandes fazendeiros brasileiros com propriedades no Paraguai, com os campesinos *sintierras* paraguaios.

Palavras-chave: Brasil-Paraguai; Fronteiras; Capital, Conflito.

ABSTRACT: The situation intertwine in the forms of occupation of the Paraguayan territory by Brazilians in the marketing of goods and the purchase and use of land for agricultural production. The incentive elements of cross-border flows are the marketing of goods and land. In this movement, internal laws are ignored that country and even bribe to the competent authorities responsible for the control and legality envisaged by the State; making the eastern region of Paraguay a "land" Brazilians. This region has the most land conflicts, which have become continuous and worrying. This fight involves mainly the large Brazilian landowners with property in Paraguay, with the Paraguayan campesinos *sintierras*.

Keywords: Brazil-Paraguay; Borders; Capital; Conflict.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon. Ex-Bolsista da Capes.

² Docente do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina – UFMS/CPNA. Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, com Estágio Doutoral na Universidad Nacional de Asunción – UNA-PY. Ex-Bolsista da Capes.

Introdução

A imigração e a circulação de pessoas e de mercadorias ocorrida a partir da evolução dos modos de produção e a internacionalização da compra e venda dos produtos tornam o mercado mundial apetitoso para a população. Mas nesta internacionalização de mercadorias, existem burocracias e leis que regulam esta circulação, devido à necessidade de arrecadação dos tributos gerados pelas mercadorias que irão alimentar a máquina pública dos estados. O recolhimento dos impostos é a forma dos países, principalmente para o Brasil, que possui recordes mundiais na cobrança de impostos, (re) produzirem seu capital.

Uma das problemáticas que consta nesta discussão, parte da ampla capacidade dos cidadãos, que pagam impostos ao estado, de tentar burlar as leis de comércio internacional, através da circulação ilícita de mercadorias, sem prestação de contas ou tributação ao estado dos produtos que circulam de um país para o outro. Então, quando há a fraude pelo cidadão, o estado é prejudicado, deixando de arrecadar capital. Quando destas ranhuras, o estado se vê na necessidade de controlar esta circulação ilícita, fiscalizando as fronteiras internacionais, que são portas de entrada destas mercadorias sem tributação. Como exemplo clássico desta circulação, podemos citar o caso dos brasileiros que vão para o Paraguai fazer compras.

A outra questão a ser levantada nesta discussão abrange também a região Leste do Paraguai. Neste trecho da abordagem, discutiremos as formas de ocupação das terras do Leste do Paraguai por brasileiros, que usam as terras para fins agrícolas.

A caracterização territorial mundial se enfatiza pela forma com que é produzida a ordem estatal de cada nação e sua forma de cobrança de impostos. Isto acarretará no poder de compra e de venda de mercadorias. Nesse caso o vencedor é aquele que vende mais barato produtos que são relativamente parecidos. Esta relação internacional de compra e venda de mercadorias, de forma ilícita, acarreta em conflitos entre estado e cidadão. Todavia, estas relações também servem para dar dinamismo ao público das fronteiras, em “brigas” entre o cidadão, que quer se beneficiar na compra e venda de produtos, e governo que quer arrecadar tributos para melhor gerir seu estado.

As conjunturas das discussões subsequentes se entrelaçam nas formas de ocupação do território paraguaio por brasileiros, tanto na compra de mercadorias que acontece intensamente em Salto Del Guaira e Ciudad Del Este - PY, como no uso das terras para produção agrícola por brasileiros que também acontece no Leste paraguaio, neste ponto

enfazando a fronteira como um espaço institucionalizado, mas que sofre a ação da sociedade em função das práticas ilegais exercidas sobre os espaços limítrofes.

Contribuições teóricas ao modo de produção capitalista: a satisfação da acumulação

A ideia de crescimento territorial, (re)surge num contexto de acumulação capitalista compartilhado por todos, até mesmo por aqueles com discursos excludentes deste modelo. Na discussão abarcada por Immanuel Wallerstein (1974), a ideia pertinente ao contexto ponderado, atribui duas teses. Na primeira a qual se refere à América Latina. Diz ser impossível que esta possa se desenvolver, independente das formas de administração governamental, pois relata que, o que se desenvolve não são os países, o que se desenvolve é a “economia-mundo capitalista”, a qual se torna “polarizada”. Na segunda tese diz que a “economia-mundo” se desintegra devido ao sucesso proporcionado, pelo fato da bifurcação histórica.

No decorrer dos últimos séculos os modos de produção foram se alterando, havendo adaptações. Talvez a alteração mais drástica, forçada a acontecer, foi à mudança para o modo de produção capitalista, em que começaram a ocorrer remanejamentos e organizações dos territórios, principalmente na pós-Segunda Guerra Mundial. O modo e produção capitalista na junção com políticas socioeconômicas manipulam, tramam, rasgam as formas originais da territorialidade. Todavia, assegura a fluidez dos elementos. Este modo de produção cria obstáculos e o seu poder pode culminar de entranhas sociais e culturais, conhecidos também por espaços moleculares (RAFFESTIN, 1993, p. 180-181).

Os processos evolutivos do sistema industrial capitalista tomam rumos determinados por fatores distintos e iguais ao mesmo instante, estendendo-se ao âmbito global nos trâmites ditado pela própria população, a qual assume o poder de comando deste complexo e vicioso sistema, com pretensões de estabilizar a economia mundial. Porém, a crescente indústria ganha força na propagação de processos desestabilizadores econômicos, atribuindo este processo ao aumento das diferenças sociais formadas pelo capitalismo (FURTADO, 1978). Estas diferenças aumentam devido ao contexto histórico do acúmulo nas arrecadações financeiras.

Harvey (2005) pontua o novo imperialismo como parte da questão que promove a acumulação de capital, a qual parte de uma ordem primitiva, pois os acúmulos de bens financeiros e econômicos gerados pelo capitalismo se tornaram necessidades para a sociedade

do mundo globalizado, mesmo antes de ele ser chamado assim. Em muitos casos a o uso do poder, principalmente nas tomadas de decisões feitas pelo estado gerenciador da ordem, que deixa vulnerabilidades nas execuções de serviços, que por dificuldades de realizá-los ou por interesses acaba privatizando atividades e serviços utilizados pela sociedade, que é forçada pela “globalização” de usar estes serviços.

Os avanços estruturais do espaço ocorrem por complexidades distintas, desde os séculos que deram início ao capitalismo e posteriormente a industrialização, acendendo explosivamente as novas ordens econômicas, políticas e de modernidades que (re)estruturam o ambiente, ao qual o homem passou a utilizar de maneira degradante, principalmente no que concernem os recursos naturais. Estes fatos impulsionam conjuntamente as diferenciações de classes sociais, fato este que se expandiu mais rapidamente pelo mundo do que a própria industrialização e se construiu devido à implantação industrial. Segundo Furtado.

Foi à subordinação das atividades diretamente produtivas aos critérios mercantis – mediante o dismantelamento das corporações e a usura ou eliminação dos privilégios feudais – que conduziu a gestação da revolução industrial, essa mutação histórica que pôs em marcha o rápido processo de desenvolvimento das forças produtivas, característico do capitalismo contemporâneo (FURTADO, 1978, p.37).

Os componentes que fazem reagir os crescimentos capitalistas são atrapalhados de maneira naturalizada, sem impedimentos. Fatores ligados a políticas des-constitutivas, valorizando e desvalorizando territórios. Dependendo das articulações, serão ejetados ou retirados investimentos ou arrecadações. Para tanto, estas imposições políticas é que farão sobreviver à economia mundial, independente do país, todavia, alguns são auxiliados na reconstrução, principalmente os de terceiro mundo, menos os da América Latina, local destinado aos EUA, designado a concentrar atividades que proporcionam o crescimento, para poder então, permitir o fluxo estrangeiro e acabar com o problema do desenvolvimento dos subdesenvolvidos. A tentativa é re-estruturar a América do Norte com organização institucional para garantir o desenvolvimento nacional e do PIB *per capita*. Todavia, para intelectuais latino-americanos, o crescimento parecia insignificante. Os “dependentistas” da América Latina diziam que os governos deviam ir além, e desvincular-se da “economia-mundo capitalista” e incorporar situações políticas no “sistema-mundo” para realçar as fontes econômicas, com objetivo de estabelecer modelos eficazes para as políticas sociais de re-

estruturação partindo dos movimentos políticos, pois estes não poderiam ser afetados, senão abalaria a economia e o sistema capitalista (Cf.: WALLERSTEIN, 1974).

O desenvolvimento espacial/capitalista de alguns territórios subdesenvolvidos é prejudicado pela ineficácia da distribuição dos recursos, devido às más relações internacionais e pelo descaso dos responsáveis do processo.

O sistema globalizado capitalista sofreu ameaças no século XIX, promovida pelas “classes perigosas”, sobretudo da Europa Ocidental, exemplo disso é a Revolução Francesa em 1789. Outra desordem que abalou o aparelho acumulador foi à revolução de 1848. Esta mostrou que a classe operária pode ser perigosa. Alguns casos de desordem na América Latina surgem para frear os abalos negativos ocorridos nos EUA, após este período renasce a valorização econômica e democrática que havia sido levada pela expatriação. A retomada crescente do capital de alguns países poderá fazer com que os olhos do mundo possam brilhar por uma terra que não havia sido tão almejada pelos acumuladores de capital e agora passou a ser, com muito fervor, mesmo existindo descasos por parte do governo para com a população (Cf.: WALLERSTEIN, 1974). Neste caso poderíamos citar a ocupação das terras brasileiras, e também a cobiça dos brasileiros a partir de meados do século XX pelas terras do Leste do Paraguai para fins de produção agrícola.

Os capitalistas aperfeiçoam as formas de acumulações contínuas, com relações internacionais em benefício próprio incessante do capital. As atividades que geram lucro devem ser valorizadas, e a força de trabalho barata terá que ser mais explorada, a tentativa é reduzir o custo de produção exercidos pela força de trabalho e por que não se aproveitar da situação de países que ofereçam estas condições de forma abundante.

A atual subordinação ao modo econômico único tem conduzido o que se dê prioridade às exportações e importações, uma das formas com as quais se materializa o chamado mercado global. Isso, todavia, tem trazido como consequência para todos os países uma baixa de qualidade de vida para a maioria da população e a ampliação do número de pobres em todos os continentes, pois, com a globalização atual, deixaram-se de lado políticas sociais que amparavam, em passado recente, os menos favorecidos, sob o argumento de que os recursos sociais e os dinheiros públicos devem primeiramente ser utilizados para facilitar a incorporação dos países na onda globalitária. Mas, se a preocupação central é o homem, tal modelo não terá mais razão de ser (SANTOS, 2000, p. 72-73).

Tenta-se diminuir os custos com a produção (matéria prima e mão de obra) para agregar menos valor no produto e este gerar mais lucros ao final do processo ao capitalista.

Estes usam do desenvolvimento privado, que necessita do dinheiro público para se promover. Um grande capitalista trabalha com muitos governos durante muitos mandatos e para não levar prejuízos financeiros se infiltra no sustento das máquinas burocráticas dos governos, pois dele se tornam dependentes. O capitalista protege-se ou submete-se a subornar o dinheiro alheio. Tentam sempre o monopólio econômico, e para isto apóia-se nos fortes que amparam os padrões culturais, o então conhecido Estado, dono das boas relações econômico-capitalistas em favor dos fortes.

A compreensão dos problemas com que se defrontam atualmente as economias dependentes requer uma visão histórica e estrutural do capitalismo industrial. A acumulação, em cujo bojo este se gerou, foi precedida por um processo de ampliação do excedente comercial. [...] desse período multissecular, durante o qual se gera a civilização industrial, constitui a chave para identificar os traços mais característicos das sociedades capitalistas contemporâneas (FURTADO, 1978, p.33-34).

Segundo o mesmo autor, o capitalismo re-estrutura a ordem financeira da população, porém afeta alternadamente as classes sociais dos menos favorecidos, por serem objetos livres e suscetíveis a ação esmagadora que o capitalismo construiu, mesmo sendo ele a fonte de transformações que deveriam ser geradas para a população em geral. Os processos se distribuem em escalas planetárias e os processos acumulativos irão caracterizar na primeira metade do século XVI um processo evolucionar que irá conduzir ao processo tão conhecido que é a chamada Revolução Industrial.

As classes perigosas dominantes passaram a sofrer abalos com o surgimento de outra classe perigosa, “as classes populares do terceiro mundo”. Muitas revoluções puseram em ameaça a estabilidade do sistema. Criou-se, portanto, métodos de combate aos perigosos esquerdistas apoiados pela direita. O sucesso pensado pelos poderosos, não foi tão relevante quanto de algumas classes operárias. O capitalismo se fortalecia devido à ampliação global e nacional da mais-valia, podendo estes, serem pagos até pelos países de terceiro mundo, porém era desembolsada pelos poderosos que estariam seriamente limitados ao acúmulo acentuado de capital no futuro (WALLERSTEIN, 1974). Com as estagnações na economia mundial, os países pequenos se submetem a empréstimos econômicos e depois ficam presos a dívida, e essa faz com que países pobres se submetam as imposições atribuídas pelos grandes. O estado, capaz de atenuar comandos de equilíbrio econômico, acaba por agradar na grande maioria os maiores da economia.

Os desgastes nas relações não são apenas econômicos, mas também políticos, sociais e culturais. As ranhuras de poder se transformam em limites e fronteiras. Estes são sistemas convencionais, fundadores das divisões sociais, formam a sociedade, e os conflitos internacionais fronteiriços. Usamos o limite para lutar e também nos proteger/defender, construindo “muros” que nos cercam a todo instante, pois os construímos e deles vamos usufruir. As demarcações começam há provocar desgastes por contestações, durante as negociações por disputas territoriais, políticas e econômicas, devidos aos desacordos entre nações e estados, que possuem formas distintas de pensar as leis e controles do território. Regulamentam as atividades geridas pela sociedade, com funções de organização e distribuição de bens e consumo, produção e também a própria circulação dos homens (Cf.: RAFFESTIN, 1993).

A fronteira torna-se um local institucionalizado e dependente da ação do estado, mesmo que ao seu redor ocorra um jogo constante de poder, seja ele invocado pelo próprio estado, pela economia pendular que ocorre de uma nação para com a outra e que percebe no estado apenas um empecilho das práticas econômicas, ou mesmo pela sociedade que circunda esses locais fronteiriços, pois para as pessoas o estado acaba se tornando apenas um articulador de políticas de defesa de um lado ou de outro.

A industrialização como agente modelador estrutural do urbano e do rural

No início das *evoluções* acendidas pela indústria, foram inúmeras as transformações no mercado. O trabalho ou a mão de obra proporcionou avanços e contribuições às produções industriais, favorecidas pelas migrações endógenas, em que os recém chegados ao meio social urbano não eram apenas do meio rural ou do campesinato, mas parafraseando Paul Singer, diria que um bom número deles é de origem burguesa e a migração não faz com que eles percam suas condições de classe. A transformação espacial formada a partir do processo de industrialização, formação das cidades, urbanização, acrescentam um novo modo de vida a população, que repentinamente terá que se adaptar ao novo meio a participar do processo evolutivo repentino causado pela industrialização (Cf.: SINGER, 1990).

O processo de industrialização expandiu também fatores econômicos do campo, com produções em grandes escalas, usando o espaço rural para produzir maior quantidade em menor espaço de terras. Para que isto ocorresse, foi necessária a expansão industrial e então a

implementação de tecnologias avançadas. A partir desta fase ocorre a dependência das indústrias da cidade e do campo, passando a atuar em dependência uma da outra.

A indústria auxiliou para que houvesse a mecanização agrícola, diminuindo expressivamente o número de trabalhadores no setor rural, ao passo que as máquinas modernas fazem o serviço que antes era realizado por dezenas de trabalhadores. A formação da agroindústria partiu da ideia da existência de uma agricultura científica e globalizada, que aliena o território, estuda o caso e necessidades, modernizando as regiões agrícolas. Para alavancar esta fase, a indústria descobriu a vulnerabilidade das regiões agrícolas adiantadas, perante a modernização globalizadora e implantou novos modelos de maquinários que passaram a (re) construir a agricultura mundial.

Entretanto, antes de atingir o grau de complexidade revelado, a articulação com a produção agroindustrial foi decisiva na orientação das atividades agropecuárias. O território passa a ter um novo uso no período técnico-científico-informacional resultado dessas inovações técnicas e organizacionais, que incluem: [...] o aproveitamento dos ciclos vagos no calendário agrícola ou o encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade da circulação de produtos e informações [...] (SANTOS e SILVEIRA, 2004, p. 118).

O meio rural em (re) estruturação e mudanças de atividades mercantis, bancárias e industriais; acopladas à burguesia agrícola, teve impactos na sua estrutura com a divisão das novas formas de produção instituídas no próprio berço produzido no início das atividades agrícolas, principalmente daquelas que impulsionaram a atividade industrial no campo (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p. 11 - 12). Avaliamos, portanto, o potencial agrícola que sustentou a crescente economia do campo.

Esse período de intensas modificações no meio rural é apresentado por Lucci (1982) e Graziano da Silva (1996).

Com o crescente aumento dos preços da terra e o intenso processo de urbanização provocado pela ocupação empresarial do campo durante a década de 70. As áreas mais tradicionais de cultivo vêm intensificando o uso de insumos modernos e equipamentos, principalmente nas culturas de café, soja, arroz e trigo, o que vem provocando rápidas mudanças nas relações de trabalho e de produção no meio rural (LUCCI 1982 p., 86-87).

A industrialização do campo é um momento específico do processo de modernização, a reunificação agricultura-indústria num patamar mais elevado que do simples consumo de bens industriais pela agricultura. É o momento da modernização a partir do qual a indústria passa a comandar a direção, as formas e o ritmo da mudança na base técnica agrícola, o que ela

só pode fazer após a implantação do D1 para a agricultura no país (GRAZIANO DA SILVA, 1996, p.32).

O processo evolutivo da industrialização brasileira, que durante a crise pós-Segunda Guerra Mundial, assinala que a classe trabalhadora ficou mais vulnerável financeiramente, com menor poder de compra, passando a consumir somente o necessário para sobreviver, sem aquisição de produtos luxuosos. Este processo da pós-Segunda Guerra Mundial encerra uma etapa inicial do processo de industrialização brasileira (Cf.: MENDONÇA, 1995).

A transição de mercadorias e a ocupação comercial das terras paraguaias

As “novas terras” do Leste paraguaio são grande fonte de riqueza e propícias para exploração do uso agrícola. Muitos brasileiros enriqueceram e enriquecem comercializando e produzido nestas terras, compraram-nas por preços baixos, e estas valorizaram muito, se tornaram fonte financeira, aumentando ainda mais a cobiça pela posse dessas terras por brasileiros, que passaram a dominar em porcentagem, o uso das propriedades de muitos distritos situados no leste paraguaio. Com o passar dos anos o Leste do Paraguai passou a ter suas terras sob posse de brasileiros.

Primeiramente o interesse dos “Gaúchos” era pelas terras produtivas do Oeste do Paraná, todavia, estas foram, na sua maioria, ocupadas e exploradas pela agricultura. Então, as ambições econômicas, por maior renda e produção, calharam em interesses por novas terras. Surgiu então o interesse pelas terras do Leste paraguaio, que também são muito produtivas e até o momento (década de 1950/1960) eram pouco exploradas. Os brasileiros, muito ambiciosos pelo promissor modelo de agricultura mecanizada que se instalava, fizeram a imigração para aquela região. Esta imigração subdivide-se em três períodos importantes. O primeiro na década de cinquenta e sessenta, o outro, também marcante na década de setenta e, o último, em meados dos anos oitenta, já coincidindo com a expansão da soja na fronteira com o Brasil, conhecida também como “revolução verde”, que levou os produtores a expandir ainda mais a agricultura para outros estados brasileiros, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Há dados interessantes sobre a força dessa migração Brasil/Paraguai. Dados levantados e divulgados pela “Comissão Inter-institucional pela Zona de Segurança Fronteiriça (Cizosef)” apontam para o alto índice, em porcentagem de brasileiros, nas áreas dos departamentos de Alto Paraná e Canindeyú – PY, fronteira com o Brasil. Segundo um estudo realizado no

distrito de Nueva Esperanza, Departamento de Canindeyú - PY, entre 2008 e 2009, mostrou que apenas 7% dos proprietários das terras eram paraguaios. O restante pertencia e estrangeiros que ocuparam intensamente a região, com os brasileiros que dominam o uso com 58%. Os franceses ocupam 1%. No distrito de Katueté, apenas 11% dos proprietários eram paraguaios, 1% chineses e um montante de 83% das propriedades estava nas mãos dos brasileiros. No distrito de Francisco Caballero Álvarez, 55% eram proprietários paraguaios e 42%, brasileiros. A média entre estes três distritos fronteiriços com o Brasil mostra que 61% dos proprietários eram estrangeiros, e destes, 90% eram brasileiros. Devido há este alto índice em percentagem das terras nas mãos de estrangeiros, em 2005 entrou em vigor a Lei 2.532, que estabelece a zona de segurança fronteira, proibindo a venda de terras para estrangeiros em margens inferiores há 50 km do limite fronteiro (ONG Repórter Brasil, 2010).

Os Departamentos de Canindeyú e Alto Paraná são os mais cobiçados pelos agricultores brasileiros, pois a maior porcentagem destas terras, principalmente na parte pertencente à Bacia do Paraná III é excelente para exploração agrícola, devido à formação geológica ser originada de extenso derrame vulcânico cretáceo Mesozóico (Formação Serra Geral), denominado “Formação Alto Paraná” no Paraguai (COMIN-CHIARAMONTI, 1997). Este tipo de formação origina os solos basálticos. Esta região se enquadrar na classificação climática de Köppen, possui clima do tipo Cfa – clima subtropical mesotérmico, subtropical úmido, chuvas regulares, verões quentes com temperaturas que oscilam acima dos 22°C, chegando até a atingir, em casos extremos, 40°C e invernos pouco frios, com médias abaixo dos 18°C e formação de apenas duas a três geadas anuais (IAPAR, 1994). Por ser propícia para o cultivo agrícola, a região Leste do Paraguai é tão cobiçada pelos agricultores brasileiros.

Todavia, os relatórios da Cisozeff não estão integralizados no Paraguai e, sobretudo nessa região, já no ano de 2014 a *Comisión* nos forneceu novos dados e que acabam mostrando maior paridade entre brasileiros e paraguaios nos distritos acima apontados, mesmo assim, os dados mostram que a maioria das propriedades ainda é de brasileiros, bem como, é necessário atentar a oficialidade dos números recolhidos, pois o que não pode-se perceber é se há ou não terras em que brasileiros estão trabalhando e que estão em nomes de outras pessoas, dentre estes os paraguaios.

Com a amostra distrital e do total departamental inventariado até 2014, produzimos uma tabela com doze variáveis analisadas, e é significativa da condição da propriedade de

terras no leste do Paraguai, possui como objetivo apontar, de forma individual, os resultados recolhidos pela *CIZOSEF*. Propomos uma análise do conjunto desses distritos, onde 93% da superfície dos seis distritos, em torno de 657.735 hectares, estão dentro da zona de segurança. Os seis distritos inventariados, integralmente ou parcialmente, representam uma amostra importante sobre a propriedade de terras na Região Oriental/Leste do Paraguai.

Tabela 01: Tratamento dos dados constantes do Relatório da Comisión Interinstitucional de Zona de Seguridad de Fronteras - PY (CIZOSEF).

Distritos/ Dados	Nueva Esperanza	Katuete	Francisco Caballero Álvarez	La Paloma del Espirito Santo	Salto del Guairá	Corpus Christi	Total dos Distritos
Superfície total dos distritos em hectares (ha).	130.394	81.658	104.313	72.891	135.652	182.138	707.046
Superfície afetada pela Zona de Segurança (ha).	97.928	60.554	104.313	72.891	136.703*	185.346*	657.735
% afetado pela Zona de Segurança (ha).	75%	74%	100%	100%	100%	100%	93%
Superfície Inventariada (ha).	86.218	46.458	80.643	72.675	136.703	185.346	608.043
% da superfície Inventariada (ha).	88%	77%	77%	99,7%	100%	100%	92%
Superfície sem inventariar (ha).	11.710	14.096	23.670	831	00	00	50.307
% da superfície sem inventariar (ha).	12%	23%	23%	0,3%	00%	00%	8%
Número de hectares em mãos de paraguaios	35.216	14.725	44.878	26.988	55.159	97.201	274.167
% do número de hectares em mãos de paraguaios	41%	32%	56%	37%	40%	53%	45%
Número de hectares em mãos de brasileiros	41.257	31.726	35.765	44.817	67.734	85.653	306.952
% do número de hectares em mãos de brasileiros	48%	68%	44%	62%	50%	46%	50%
Número da quantidade total de lotes	1.114	719	1.463	831	1.384	3.231	8.742
Número de lotes em mãos de paraguaios	361	121	813	291	846	1.367	3.799
% do número de lotes em mãos de paraguaios	32%	17%	56%	37%	62%	42%	43%
Número de lotes em mãos de brasileiros	656	595	650	524	526	1.798	4.749
% do número de lotes em mãos de brasileiros	59%	83%	44%	63%	38%	57%	54%
Número da quantidade total de proprietários	463	374	915	436	612	1.707	4.455
Número de proprietários paraguaios	66	55	639	186	321	962	2.229
% do número de proprietários paraguaios	20%	15%	70%	44%	52%	56%	50,8%
Número de proprietários brasileiros	372	318	276	244	279	700	2.189
% do número de proprietários brasileiros	80%	85%	30%	56%	45%	41%	49,2%

Fonte: Produção própria a partir dos dados da NOTA CIZOSEF N° 14 de 17/3/2014. Ministerio de Defensa Nacional – PY.

* Há um número superior de hectares (ha) porque foram consideradas, no levantamento da CIZOSEF, áreas de outros distritos.

Concordamos que a maioria das propriedades na região leste do Paraguai e até então inventariadas, estão em mãos de brasileiros, todavia apontamos para uma situação de maior equilíbrio do que outros estudos e a própria imprensa enfatiza sobre a questão, ciente de que é necessário integralizar o inventário para uma análise completa da situação.

A lógica que aborda e recria constantemente estes novos fundamentos produtivos na agricultura, contribuem para um perfeito e acelerado crescimento desigual, aumentando ainda mais o poder daqueles que já o possuem. Notamos a recriação do poder quando averiguamos a capacidade financeira dos agricultores brasileiros que possuem suas propriedades no Paraguai. Os paraguaios perdem sua capacidade de concorrência, de um crescimento concorrencial perante os brasileiros, que se apossaram (legal ou ilegalmente) das terras paraguaias.

Figura 01: Cultivo das terras no Paraguai por agricultores brasileiros.



Fonte: Agro Paraguay

Os agricultores paraguaios, em sua maioria não conseguem acompanhar o crescimento e o modelo de aquisição e acumulação de terras, se comparado com os agricultores brasileiros, portanto, o que resta para eles, é reivindicar seus direitos nacionais com protestos.

A tensão entre fazendeiros brasileiros que cultivam terras no Paraguai, e os *sin-tierras* paraguaios, aumentou consideravelmente nos últimos anos. Para os *sin-tierras*, os brasileiros devem ser retirados da região e suas terras terão que ser desocupadas. Os *sin-*

tierras querem que sejam expropriadas as terras adquiridas por brasileiros nas últimas cinco décadas. Os líderes destes movimentos dizem que os alvos principais seriam os grandes fazendeiros, como é o caso de Tranquilo Favero, brasileiro naturalizado paraguaio há 40 anos. Ele é considerado um dos homens mais ricos do Paraguai e chamado de Rei da Soja. Por ser dono de fazendas e empresas agrícolas. Para os *sin-tierras*, o empresário e fazendeiro constituiu sua riqueza comprando terras públicas barata e de forma irregular. (YANAKIEW, 2012).

Figura 02: Protesto dos *sin tierras* paraguaios reivindicando a posse das terras que estão nas mãos dos brasileiros.



Fonte: ultimahora.com

O livre comércio de mercadorias e a circulação de pessoas no Leste paraguaio

A globalização expõe toda a sociedade à desigualdade econômica e financeira. Portanto, as dimensões na escala mundial do mercado, o aumento exagerado dos fluxos comerciais de caráter financeiro, de mercadorias e de serviços, a crescente mobilidade das pessoas e dos bens e as características cada vez mais claras da solidificação das formas de interesses, de manifestações diversificadas, de afirmações, conquistas, posições, poderes e influências são bem expositivas nas dinâmicas presente e marcantes do contexto global.

A população brasileira comercializa livremente os produtos comprados no Paraguai, sem a contribuição de impostos ao governo brasileiro, que se sente prejudicado com este comércio, pois deixam de arrecadar impostos sobre as mercadorias que entram livremente no

Brasil. Já o Paraguai, teoricamente, se beneficia com este comércio, pois parte da renda econômica dos brasileiros é deixada naquele país através da aquisição das mercadorias.

Nesta trama, a globalização e a comercialização de mercadorias contribuem para o desenvolvimento econômico e para a sobrevivência da população que vende e que compra. Muitos aproveitam o baixo preço dos produtos que são comprados no Paraguai, para comercializá-los novamente no Brasil. Mas, o maior problema deste livre comércio se reflete no estado como membro que governa e necessita da arrecadação dos impostos para melhor gerir a conjuntura política e econômica que envolve a nação.

Os processos político-econômicos de crescimento do poder estatal, com maior acumulação de capital financeiro advêm das arrecadações por tributação cobrada sobre os produtos. As políticas internas deveriam obedecer a um modelo único, ao qual teria uma distribuição financeira dos impostos arrecadados de forma equivalente entre a sociedade, sem formação de classes dos mais favorecidos e menos favorecidos. O capital é então, fragmentado diferenciadamente perante estas classes. Todavia, o próprio estado fraudula, corrompendo os governantes e os grandes empresários, que se beneficiam do dinheiro público. Por estes e outros motivos a população do Brasil vai às compras no Paraguai, para tentar se beneficiar e não contribuir com impostos para o estado brasileiro.

As formas de se auxiliar os trabalhadores, lhes dando oportunidades de trabalho e incentivos com políticas públicas, vêm a tempo se desenvolvendo devido à organização dos trabalhadores, os quais são a fonte de arrecadação econômica e de consumo. Os contornos do crescimento econômico, orientados para o crescimento da produtividade e da competitividade é fundamentada por aspectos como, a colaboração e o envolvimento dos trabalhadores no processo produtivo e a segurança no emprego e a igualdade social (Cf.: BASTOS, 1997).

A integração dos países ao mercado mundial se dá a partir da globalização, mediante gestões e sistemas geoeconômicos. Todavia, o que realmente acontece neste quadro mundial, é a dependência dos países. Vemos esta dependência na relação comercial entre Brasil e Paraguai.

Segundo Chomsky (2004), em relação ao papel da globalização, devemos nos alertar quando atribuir um papel quase exclusivo em nossa política externa, pois estratégias, assim como políticas de interesses econômicos, podem ser muito bem negligenciadas se não se tomar causa dos acontecimentos.

Na contemporaneidade, a maioria da população anexou-se ao novo modelo mundial da economia, impostos pelo dito processo de “globalização”, em que o capital e as disputas

geradas por ele transformam as ideologias discursivas, as quais anulam todas as diferenças entre o pensar e o ser, indica uma nova imagem dos sujeitos, frutos da universalização das técnicas científicas que surgem e que estão, em muitos casos, acessíveis à elite ou classe dominante. Os demais terão que dar um jeito em acompanhar este processo, sem muitas condições, por não deterem poder de dominação e nem de aquisição de certos produtos. Isto favorece quem detém o domínio, fazendo com que estes possam permanecer com o privilégio hegemônico exercido sobre os que, por inúmeros fatores, não tiveram oportunidades de se promover, acumulando seu próprio capital, o que, nos dias atuais, se tornou necessidade a população.

Considerações Finais

A complexa interação das relações internacionais, organizadas por atividades culturais, sociais, políticas e econômicas, funcionam como palco para as atividades mundiais, que se especializam com as construções das relações comerciais e de ocupação do território. Entretanto, estas relações variam conforme as potenciais, ou as limitações econômicas, capacidade produtiva, de consumo e de políticas de incentivo de cada país. Neste mundo complexo, alienados pelo capitalismo expansionista acumulativo, os países tornaram-se competitivos perante a conquista do mercado mundial, todavia, são as boas relações que produzirão bons frutos. Portanto, percebe-se que a boa relação fronteiriça, de comércio, entre Brasil e Paraguai, (re) produz a forma de vida da população, que adaptou seu comércio e seu modo de vida político, econômico, social e cultural, pensando na relação de movimento de pessoas e mercadorias existente na faixa fronteiriça. Como exemplo, podemos citar as relações existentes entre a população/comércio de Ciudad Del Este-PY e Foz do Iguaçu-BR.

Outras perspectivas (BALLER, HAHN, 2015) mostram esses espaços como ambiente, ou melhor, como uma ambiência em que as pessoas vivificam suas diversas práticas cotidianamente nessas fronteiras, as rupturas e as permanências, as riquezas e as pobrezaas, o lícito e o ilícito, o legal e o ilegal, o urbano e o rural, o brasileiro e o paraguaio, todas essas, entre outras categorizações que tornam-na em um espaço heterotópico, e o lugar da heterotopia, logo necessita ser desnaturalizado enquanto modelo de proposta de relações não apenas institucionalizadas, mas sobretudo, espaço construído por esses agentes históricos das fronteiras, os fronteiriços.

Certamente as novas formas de produção mundial, como a indústria, alavancada pelo capitalismo, organizam a sociedade e a economia desses países. A (re) estruturação econômica é a base para a tomada de decisões e para (re) organização territorial do capitalismo, que se moderniza constantemente perante as ações e necessidades industriais globalizadas. Mas estas indústrias, além de alimentarem as necessidades internacionais, alimentam sua própria necessidade, o capital.

Referências Bibliográficas

BALLER, Leandro. *Fronteira e Fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)*. Curitiba – PR: CRV, 2014.

BALLER, Leandro; HAHN, Fábio André. Construção teórica de uma leitura da fronteira: perspectivas da ambiência sob o prisma da descontinuidade em Foucault. In: BALLER, Leandro; CODOGNOTO DA SILVA, Luciana (org.). *Leituras Foucaultianas: contribuições para práticas e pesquisas interdisciplinares*. Curitiba – PR: CRV, 2015, p. 19 – 51.

BASTOS, R.L.A. *Trabalho, práticas de emprego e eficiência produtiva: aspectos da experiência norte-americana recente*. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 1997, p.72-101.

CHOMSKY, N. *Os dilemas da dominação*. In: BORON, Atílio (org.). *Nova hegemonia mundial: alternativas de mudança e movimentos sociais*. 2004.

COMIN-CHIARAMONTI, P.; CUARDARI, A.; PICCIRILLO, E.M.; GOMES, C.B.; CASTIRINA, F.; CENSI, P.; MIN, A.; MARZOLI, A.; SPEZIALE, S.; VELAZQUEZ, V.F.; (1997). Potassic and sodic igneous rocks from Eastern Paraguay: their origin from the lithospheric mantle and genetic relationships with the associated Paraná Flood tholeiites. *Journal of Petrology*, 38 (4): 495-528.

FURTADO, C. *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HARVEY, D. *O Novo Imperialismo*. New York: Oxford University Press, 2005.

IAPAR - Fundação Instituto Agrônomo do Paraná. *Cartas climáticas básicas do Estado do Paraná*. Curitiba, 49 p., 1994.

LUCCI, E. A. *Geografia econômica do desenvolvimento econômico mundial e do Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

MENDONÇA, S. *A Industrialização brasileira*. São Paulo: Moderna, 1995.

Nota nº 14: Relatório da Região Oriental: *Comisión Interinstitucional de Zona de Seguridad de Fronteras (CIZOSEF)*, 17 de março de 2014.

ONG Repórter Brasil. *Os impactos socioambientais da soja no Paraguai – 2010*.
www.reporterbrasil.org.br

RAFFESTIN, C. *Por Uma Geografia do Poder*. Ed. Ática S.A. São Paulo, 1993, pp. 164-185.

REYES C.D.R.; *Análise das Características Hidrológicas de Três Sub-Bacias do Rio Carapá (Canindeyú, Paraguai) em Função das Mudanças da Cobertura Vegetal em Três Diferentes Épocas*. Dissertação de Mestrado. UFPR, Curitiba, 126p., 2010.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 6ª ed. São Paulo: Record, 2004.

SILVA, J.F.G.. *O rural paulista muito além do agrícola e do agrário*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo/SP. v. 10, n.2, 1996.

SINGER, P. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: brasiliense, 1990.

WALLERSTEIN, I. *O sistema mundial moderno – Vol. 1*. Edições Afrontamento. Porto. 1974.

YANAKIEW, M. *Paraguai: tensão entre sem-terra do país e produtores brasileiros volta a aumentar*. Agencia Brasil: Empresa Brasil de Comunicação. 2012. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia> (acesso em: 20/09/2013).

ARTIGO RECEBIDO EM: 09/09/2014
ARTIGO APROVADO EM: 10/10/2014